

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Jhonalysen Costa Bentes; Mayury Kawany Neves da Silva

**AS CONCEPÇÕES DE TORNAR-SE MULHER IDENTIFICADAS NO CONTO “PRECIOSIDADE”,
DE CLARICE LISPECTOR ATRAVÉS DA TEORIA PSICANALÍTICA**

Rio Branco

2023

Jhonalysen Costa Bentes; Mayury Kawany Neves da Silva

**AS CONCEPÇÕES DE TORNAR-SE MULHER IDENTIFICADAS NO CONTO “PRECIOSIDADE”,
DE CLARICE LISPECTOR ATRAVÉS DA TEORIA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Me. Fabiane da Fontoura
Messias de Melo

Rio Branco

2023

Título: As concepções de tornar-se mulher identificadas no conto “Preciosidade”, de Clarice Lispector através da teoria psicanalítica

Problema de pesquisa: Como as concepções de tornar-se mulher identificadas no conto “Preciosidade” se articulam ao saber psicanalítico freudo-lacanianano?

Objetivo geral: Analisar as concepções de tornar-se mulher identificadas no conto “Preciosidade”, de Clarice Lispector através da teoria psicanalítica

Objetivos específicos: Identificar as concepções de tornar-se mulher no conto Preciosidade;

Realizar um levantamento das concepções de tornar-se mulher nas obras de Freud e Lacan

Estabelecer um diálogo entre as concepções de tornar-se mulher presentes no conto “Preciosidade” e a teoria psicanalítica.

Introdução

As questões acerca da feminilidade perpassam a psicanálise desde o seu início, já que sua origem se dá a partir da escuta das histéricas. Ao longo de sua vida, Freud fez inúmeras alterações na sua teoria acerca da feminilidade (1905b/1996, 1924/1996, 1925/1996, 1933/1996) e encontrou dificuldades nesse processo em diversos momentos. Até os dias atuais, Freud permanece como alvo de severas críticas, as quais incluem a acusação de machismo e o questionamento ao falocentrismo que orienta suas descobertas.

De acordo com a psicanalista Colette Soler (2005) Lacan estigmatizou o "escândalo" do discurso analítico, que seria a incapacidade de pensar o que é próprio da feminilidade e o "forçamento" freudiano, que não soube transpor para as mulheres o que valia para os homens. A autora aponta ainda que esse escândalo epistêmico não deixa de estar ligado aos preconceitos sexuais, já que nenhum dito escapa a parcialidade da identidade sexuada. Assim, Lacan (1958/1998, 1960/1988, 1973/2003, 1973/1985) aborda a feminilidade primeiramente concordando com Freud, mas deixando claro o entendimento do falo como significante e não enquanto órgão, e posteriormente introduz o conceito da mulher não toda submetida à ordem fálica.

A humanidade recorre à literatura desde os tempos mais remotos, manipulando a escrita de modo a criar textos fluídos que cativam, contam histórias e produzem as mais variadas emoções. Em diversos momentos Freud aborda a literatura (1905a/1996, 1907/1996, 1910/1996, 1919/2010) e deixa claro se tratar de uma via privilegiada para o acesso ao inconsciente e, logo, para os estudos em psicanálise. Posteriormente, Lacan mantém a tradição de recorrer às obras literárias para demonstrar os conceitos em psicanálise. O psicanalista abre seus "Escritos" com a leitura de A Carta Roubada de

Edgar Allan Poe (Lacan 1966/2002) e aborda a tragédia Hamlet em “O desejo e sua interpretação” (Lacan, 1958-59/2002), recorrendo também à comédia com Molière (1989/1999) entre outras passagens em que faz referência às obras literárias.

A literatura aborda as experiências e questões humanas, e a literatura produzida por mulheres comumente expõe as temáticas que atravessam notadamente a parcela da população que se identifica sexualmente no campo da feminilidade. Ao longo da história, apesar da literatura ser também marcada pelo patriarcado, muitas escritoras se tornaram clássicas, talvez por conseguirem expressar algo de comum da experiência de ser mulher, ainda que não exista “A mulher” universal.

Entre essas escritoras que se tornaram clássicas está a naturalizada brasileira Clarice Lispector, que apresenta uma vasta produção literária, que inclui romances, contos e ensaios. Para o presente estudo, foi escolhida a obra “Laços de Família”, publicada em 1960. Laços de Família é uma coletânea com 13 contos que versam sobre o universo urbano e familiar e costuram em suas breves narrativas o cotidiano e o insólito em uma análise profunda da existência. A obra conta com doze contos narrados em terceira pessoa e apenas “O jantar” narrado em primeira pessoa. As temáticas orbitam entre as tensões, conflitos e impasses das relações humanas e familiares da classe média brasileira por volta dos anos cinquenta, sobretudo a partir da experiência feminina.

Laços de Família não faz uma romantização do cotidiano familiar, como desavisadamente seu título pode sugerir, apresentando diversos aspectos que permitem pensar as contradições e conflitos da feminilidade a partir da psicanálise, abordando temas como a família, a maternidade, o matrimônio e a violência que recai sobre a experiência de ser mulher em uma sociedade patriarcal. Entre os contos presentes na obra, selecionamos o

conto “Preciosidade” para fazer a análise pelos caminhos que a personagem principal percorre até se vincular ao significante ser mulher.

“Preciosidade” é narrado em terceira pessoa e tem como protagonista uma adolescente de 15 anos, feia e sem nome. O conto se passa em três ambientes, a casa da personagem, o caminho para a escola e a escola e tem como clímax uma experiência de abuso sofrida pela adolescente em seu caminho para a escola. A cena de violência parece dividir o conto em dois momentos, antes e depois do acontecimento, assim como deixa claro que a adolescente se tornou outra.

A escolha do conto se deu pela centralidade do tema escolhido como objeto de pesquisa na narrativa, uma vez que conta a história de como a protagonista tornou-se, ela mesma, mulher “... uma mulher não pode andar com salto de madeira, chama muita atenção!” (Lispector, 1960, p.48).

Desse modo, este trabalho tem como objetivo realizar uma análise das concepções de tornar-se mulher identificadas no conto “Preciosidade”, da coletânea *Laços de Família*. O método escolhido foi a análise do discurso, que leva em consideração os aspectos político-sociais presentes nas comunicações e apresenta uma visão de sujeito do inconsciente.

A escolha da literatura como objeto de estudo se deu pela importância conferida por Freud e Lacan à literatura para as discussões em psicanálise. Freud aborda o tema em diversos textos: *Personagens Psicopáticos no Palco* (1905a/1996), *Escritores Criativos e Devaneios* (1907/1996), *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (1910/1996), *Das Unheimliche* (1919/1996). Além disso, faz diversas referências ao grande escritor alemão Goethe em inúmeros trabalhos.

Em *Escritores Criativos e Devaneios* (1907/1996) Freud aproxima a atividade de escrita criativa ao fantasiar e ao brincar infantil, apresentando a relação da atividade com a realização do desejo inconsciente, de modo que o escritor e escritora necessita efetuar operações criativas que o possibilita tornar público o que é vivido pelos demais apenas em devaneios privados, os quais se opõem a compartilhar devido ao recalque e a resistência, tornando a literatura uma fonte privilegiada para a psicanálise. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996) Freud recorre a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, para apresentar o complexo central da teoria psicanalítica. Em *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* faz a afirmação

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar (Freud, 1907/1996 p.5).

De acordo com as autoras Tigre e Cunha (2019) os escritores ofereceram a Freud e Lacan a possibilidade de confirmar sua própria invenção de saber. Elas apontam que Lacan, em sua leitura de *Hamlet* de Shakespeare e *O Banquete* de Platão, trabalha a estrutura daquilo que se trata quanto ao desejo em *Hamlet* e o amor de transferência no *Banquete*, tendo dedicado um seminário inteiro para falar de *Hamlet*, denominando-o a tragédia do desejo humano como surge na análise.

O conto foi escolhido por apresentar uma protagonista que passa por um momento de transição e é atravessada por questões de ordem social e simbólica em seu amadurecimento. A forma como Clarice constrói a narrativa não deixa um sentido claro e evidente do que sucede na vida subjetiva da protagonista e a faz usar a fala para se dizer

mulher, mas convoca a reflexão a cada elemento que a autora vai paulatinamente inserindo, em uma busca por sentidos que passa por todo o corpo todo da leitora.

O conto, assim como grande parte das obras da autora, já foi amplamente analisado, principalmente no campo das Letras (Rosa e Jerônimo, 2018; Pinheiro, 2020; Brandão, Pereira, Siqueira e Ivan, 2014), mas também em outras áreas de estudos, incluindo a psicologia e a psicanálise (Furtado, 2009; Santos, 2020). As análises realizadas fazem emergir múltiplos sentidos do conto, sugerindo que, quando se trata de Clarice, há sempre algo a mais a se dizer, não sendo possível encerrar sua escrita em um sentido único e cristalizado.

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, descritiva e documental. O método qualitativo reconhece a subjetividade e o simbólico como partes integrantes da realidade social, se aplicando ao estudo da história, das relações, das crenças, das percepções e das opiniões e caracterizando-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão interna do grupo ou processo em estudo (Minayo, 1992). De acordo com Gil (2002) as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. O autor indica que a pesquisa documental utiliza como fonte de coleta de dados materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Para a articulação com a teoria psicanalítica foram consideradas a princípio as obras Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905b/1996); A dissolução do complexo de Édipo

(1924/1996); Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925/1996); Feminilidade(1932/1996) de Freud e A significação do falo (1958/1998); Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960/1988); Mais, ainda (1973/1985) e O aturdito (1973/2003) de Lacan, além de publicações atuais (últimos cinco anos) que discorram sobre as concepções de feminilidade fundamentadas nesses autores. Posteriormente foi recorrido também a outras obras de Lacan de acordo com as questões emergentes na análise. Para a busca de trabalhos contemporâneos, foram utilizadas as plataformas Pepsic, Scielo, Lilacs e Google Acadêmico, com os descritores “Preciosidade” e “Clarice”.

Este trabalho não assente com a patologização da autora do conto ou até mesmo da personagem, mas sim possibilita uma análise das concepções de “tornar-se mulher” presentes no material literário de acordo com as concepções de “tornar-se mulher” na psicanálise. Para a análise dos dados, foi utilizada a análise de discurso Pecheutiana, desenvolvida na França por volta dos anos 70. A Análise de Discurso - AD preconiza que, para além de sua estrutura, o sentido do discurso remete a uma exterioridade à língua, estando articulada com o campo social (Farias e Brito, 2017). Pêcheux propõe uma teoria materialista do discurso, articulando em sua epistemologia três áreas do conhecimento, o materialismo histórico, do qual adota o conceito de ideologia postulado por Althusser a partir da sua releitura de Marx; a lingüística, tendo maior influência de Ferdinand de Saussure e a teoria do discurso, adotando o conceito de formação discursiva de Foucault e realizando uma releitura. O campo é atravessado ainda por uma compreensão psicanalítica de sujeito (Tfouni e Laureano, 2005).

Desse modo, a AD traz o sujeito para o centro da discussão, não um sujeito cartesiano, mas um sujeito descentrado, do inconsciente e da linguagem, interpelado pela ideologia (Leão, 2011). Por isso a análise se dá em torno da opacidade da língua, afetada pela

ideologia, pelo real da língua e pelo real da história, em uma tentativa de materializar o não dito (Farias e Brito, 2017) e a contradição, uma vez que a ideologia não se configura como homogênea, mas como um campo de luta.

A "ideologia" é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa o mundo. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. (Gregolin, 1995, p.17).

Em *semântica e discurso* (1997) Pêcheux afirma que a ideologia constitui o indivíduo em sujeito, o interpelando com sentidos já estabelecidos antes da sua fala, o que conceitua como “pré-construído”. O conceito de interpelação representa o processo pelo qual a identificação com a formação discursiva dominante convoca a determinados sentidos, realizando um assujeitamento do sujeito, que não desconfia que algo para além de si o determina.

O autor começa a vislumbrar uma articulação entre ideologia e inconsciente “... o caráter comum das duas estruturas funcionalmente designadas, respectivamente, como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento” (Pêcheux, 1995, p.152). Na mesma obra o autor apresenta que a ideologia dominante não é nunca dominante sem contradição, utilizando a psicanálise para demonstrar como o assujeitamento ao discurso nunca é completo e sem furos. A ruptura com o posto pela ordem ideológica que se realiza com os atos falhos, lapsos e demais manifestações do inconsciente apontam para um sujeito também de resistência.

Tfouni e Laureano (2005) afirmam que ideias da psicanálise lacaniana estiveram presentes na AD desde o início de sua formulação, apesar de Pêcheux não ter se aprofundado no campo. As autoras indicam que a análise do discurso ocorre em um lugar desestabilizado e marcado por uma tensão entre o dito e o não dito, sendo a busca de sentido operada nos deslizos e pontos de deriva da língua, por isso o sentido não é dado como único, mas é pinçado entre outros sentidos possíveis. A análise ocorre a partir da eleição de recortes e requer que se descreva suas condições de produção, o que inclui o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente; indicando uma possível harmonia entre a interpretação na análise de discurso e na psicanálise que garanta levar em consideração o sujeito da ideologia e do inconsciente.

Fundamentação teórica

Na psicanálise a feminilidade não é vista como natural, mas se constitui relacionada ao complexo de Édipo. Ao longo dos anos Freud fez inúmeras alterações na teoria da feminilidade, iremos abordar algum desses momentos para esboçar uma compreensão do processo pelo qual torna-se mulher em psicanálise.

Em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” Freud faz uma comparação entre os achados da sexualidade masculina e feminina, sendo que no primeiro caso há bons resultados via pesquisa, enquanto o segundo permaneceria em uma “obscuridade ainda impenetrável” (Freud, 1905b/1996, p. 91).

No artigo “A dissolução do Complexo de Édipo” (Freud, 1924/1996), Freud relata que as meninas apresentam um sentimento de injustiça ao comparar a sua região genital com a dos meninos, após relutância, a mesma se aceita como castrada, mas não sem antes

tentar obter um bebê do pai como compensação, após perceber que seu intento não será alcançado, abandona o complexo de Édipo.

Ao presenciar e comparar o pênis masculino com o seu órgão sexual, a menina seria tomada por uma inveja (a inveja do pênis), inveja esta que em alguns casos pode suscitar um complexo de masculinidade, uma esperança de em momento futuro conseguir obter um pênis. Outra possibilidade é a ocorrência da rejeição, onde simplesmente nega-se a castração, após entender que a falta de pênis não se trata de uma punição pessoal e sim de uma característica feminina universal, a mulher acaba por sentir certo desprezo pelo sexo feminino, vendo-o como inferior, e tomada por esta sensação insiste em ser como um homem. No que se segue, mesmo em período posterior, onde o objeto em si não mais lhe causa o mesmo efeito, a inveja permanece figurada, descolada em ciúme (aqui o autor faz a ressalva que tal sentimento não é privilégio do sexo feminino).

Outro efeito da inveja do pênis se trata do esmorecimento da relação mãe-filha, haja vista que a última acaba por considerar a mãe como culpada pela sua incômoda condição sexual vista como faltosa. Um ponto adicional causado por esta inveja seria a dificuldade de renunciar à masturbação do clitóris (masturbação fálica), enquanto representativa da sexualidade masculina na menina, cujo abandono seria necessário para a ascensão de sua feminilidade. Após todo este processo surge o complexo de Édipo da menina, haja vista que agora a mesma requer um filho do pai como substituto do pênis, dessa forma percebe a mãe como uma rival.

Lacan aborda a questão da feminilidade em dois momentos, no primeiro, produz “A significação do falo” (1958/1998) e “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960/1988), concordando com Freud acerca da primazia fálica, porém destacando que, para ele, na obra Freudiana falo não diz respeito a uma fantasia e muito

menos ao órgão, mas é um significante. É o significante e não o órgão que falta à mulher. Lacan já se interroga se a mediação fálica seria suficiente para dar conta das pulsões nas mulheres em “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960/1988), e no segundo momento da sua construção sobre a feminilidade, com a publicação de “O aturdido” (1973/2003) e o seminário “Mais, ainda” (1973/1985), introduz o conceito mais inovador de gozo Outro, não submetido ao falo e a castração. A controversa afirmação de Lacan de que a mulher não existe diz respeito à não existência de um significante feminino como o falo é para os homens, o que faz com que não exista uma mulher universal, mas cada uma opere uma laboriosa criação do seu feminino singular “Das mulheres, a partir do momento em que há os nomes, pode-se fazer uma lista, e contá-las” (Lacan, 1975/1985, p.19).

Preciosidade: Conhecendo a narrativa

“Preciosidade” é narrado em terceira pessoa e tem como protagonista uma adolescente de 15 anos. O conto se passa em três ambientes, a casa da personagem, o caminho para a escola e a escola. O conto inicia com o acordar vagaroso da personagem em sua casa. Após é retratado o caminho para a escola, as angústias e medos de todos os dias, medo de ser olhada e de que lhe “dissem alguma coisa”, em um tipo de batalha diária até chegar à escola, onde a experiência adquire outros contornos: “Onde tudo se tornará sem importância e mais leve... onde ela era tratada como um rapaz. Onde era inteligente”. Em casa novamente, a adolescente “já não andava como um soldado, já não precisava tomar cuidado” (Lispector, 1960, p. 44), mas sente falta das ruas e espera até a hora do jantar para poder se tornar, com alívio, uma filha. É na casa também, descalça com a empregada, que parece lhe fazer uma demanda, querendo uma resposta, sem alcançar.

Contudo, em um dia no caminho para a escola acontece algo que desencadeia uma ruptura:

O que se seguiu foram quatro mãos difíceis, foram quatro mãos que não sabiam o que queriam, quatro mãos erradas de quem não tinha a vocação, quatro mãos que a tocaram tão inesperadamente que ela fez a coisa mais certa que poderia ter feito no mundo dos movimentos: ficou paralisada. (Lispector, 1960, p.46).

No final do conto essa ruptura é expressa pela demanda por sapatos novos, os quais ela encadeou, de alguma forma, ao significar ser mulher, dizendo que uma mulher não poderia usar os seus sapatos antigos. No conto também é possível visualizar uma metáfora quanto à preciosidade, que a adolescente teria no começo do conto e fora perdendo. A metáfora inicia e encerra a narrativa e também dá nome a história, logo no início do conto é apresentado

Mas por dentro da magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação. E dentro da nebulosidade algo precioso. Que não se espreguiçava, não se comprometia, não se contaminava. Que era intenso como uma joia. Ela. (Lispector, 1960, p.43).

No fim, o desfecho pouco claro “Até que, assim como uma pessoa engorda, ela deixou, sem saber por que processo, de ser preciosa. Há uma obscura lei que faz com que se proteja o ovo até que nasça o pinto, pássaro de fogo.” (Lispector, 1960, p.48).

Resultados e Discussão

O conto já passou pela análise de diferentes autores. Santos (2020) o aborda buscando entender como os terrores e horrores femininos foram ficcionalizados no século XX; Rosa e Jerônimo (2018) estabelecem um diálogo entre a protagonista do conto e

Dafne, figura mítica; e Brandão, Pereira, Siqueira e Ivan (2014) analisam os mecanismos de construção das personagens protagonistas em “Preciosidade” e “A partida do trem”, outro conto de Clarice.

No campo da psicanálise, de maior interesse para o presente estudo, Pinheiro (2020) realiza uma interpretação da reincidência da imagem dos sapatos no conto como representantes das transições da adolescência e mediações entre o íntimo e o externo e do deslocamento da casa como referência única de autoridade e o peso da responsabilidade por isso. A autora associa a passagem que a personagem fala da durabilidade dos seus sapatos: "Só tinha sapatos duráveis. Como se fossem ainda os mesmos que em solenidade lhe haviam calçado quando nascera." (Lispector, 1960, p. 44) a uma persistência do modo de existir ensinado em casa, que começa a entrar em choque com outros modos de existir que possam ser forjados fora do olhar de tutela. Para a autora, o incômodo que a personagem sentia a respeito do barulho que seus sapatos faziam: “Era feio o ruído de seus sapatos. Rompia o próprio segredo com tacos de madeira” (Lispector, 1960, p. 44), diz respeito à denúncia que faziam da presença da personagem em um ambiente de convívio coletivo, em uma dinâmica de sociabilidade da qual ela está alheia, sendo uma coação para que ela ceda às demandas alheias e não esteja sozinha com a vastidão vagarosa do próprio desejo.

A demanda por sapatos novos é associada a uma compressão da experiência em uma solicitação aos pais, sendo talvez a forma possível de contar-lhes o que lhe aconteceu, comunicar que depois da experiência, menina ela não era mais. Os rapazes, então, a teriam obrigado a atender à necessidade de renúncia exigida pelas demandas do outro; a obrigado a sair de si, de dentro de uma ordem de controle do eu. E seus sapatos antigos não eram mais adequados aos caminhos que iria percorrer.

Furtado (2009) demonstra como uma leitura metafórica do conto “Preciosidade” permite abordar o tema da feminilidade em psicanálise. A autora diz que o ataque que a jovem sofre pelos rapazes no caminho para a escola pode ser entendido como uma metáfora do toque do Outro que permite a garota se compreender como faltante e assim trocar de posição, abandonando a posição fálica e engendrando assim os caminhos da feminilidade. A análise realizada pela autora apresenta que a princípio a protagonista estava em um modo de ser automatizado que não leva a diferença, ou seja, na ordem da repetição. Ela agia assim porque tinha algo de precioso, ela própria. Ela se bastava, sendo esta a posição fálica, uma posição masculina que supõe ter.

Para a autora, o hábito da protagonista de acordar antes de todos era um modo de se precipitar aos acontecimentos de modo a não estar submetida a uma ordem à qual algo escape e o medo que sentia de que a olhassem e dissessem alguma coisa era o medo da castração. A passagem para a feminilidade apresentada na análise ocorre a partir do erro cometido pela personagem quanto ao horário de sair de casa “No conto, no momento em que o personagem engendra o erro – atrasa-se – e muda a temporalidade é que ele tem uma chance de se dirigir a outra posição” (Furtado, 2009, p. 999)

Partindo para a análise propiciada pelo presente trabalho, a narração do conto em terceira pessoa promove um certo distanciamento da personagem, ficando o leitor em uma posição de observador que possibilita visualizar as contradições do processo de interpelação ideológica e de resistência de um outro lugar do que se fosse narrado em primeira pessoa, um lugar mais comedido, se levar em conta o caráter violento da experiência da personagem. Outro fator que sugere distanciamento é a descrição muito vaga da protagonista “Tinha quinze anos e não era bonita” e a omissão do seu nome.

Em um nível simbólico, o trecho que retrata o abuso sofrido pela personagem pode ser associado ao reencontro com a sexualidade que marca o fim do período de latência. Segundo Jatobá (2010), para a psicanálise esse é o momento em que o sujeito é convocado a se posicionar diante da partilha do sexo, ou seja, tornar-se homem ou mulher, sendo esta uma posição subjetiva determinada pela linguagem. Esse reencontro é necessariamente malsucedido e traumático, não somente porque implica se deparar com o real do sexo, que é, por definição, algo que jamais poderá ser totalmente simbolizado, mas também pela violência que acompanha este encontro.

Em *O Segundo Sexo II*, uma das obras mais importantes para os movimentos feministas, Simone de Beauvoir (1949/1967) apresenta que as primeiras experiências eróticas da jovem não são um simples prolongamento das atividades sexuais que se iniciam na primeira infância, apresentando muitas vezes um caráter imprevisível e brutal, constituindo sempre um acontecimento novo que cria uma ruptura com o passado.

tornar-se mulher é romper sem apelo com o passado: mas essa passagem é a mais dramática; não cria somente um hiato entre ontem e hoje, arranca também a jovem do mundo imaginário em que se desenrolava parte importante de sua existência e joga-a no mundo real. (Beauvoir, 1949/1967, p.118)

Alguns trechos do conto remetem a esse aspecto de “arrancar do mundo imaginário e jogar no mundo real”, como as passagens “viu a letra redonda e graúda que até esta manhã fora sua” (Lispector, 1960, p.47) que indica que a jovem não era a mesma depois do que aconteceu e “Como não tinha pensado em nada, não sabia que o tempo decorreria.” (Lispector, 1960, p.47) que faz contraste com o hábito anterior da jovem de entregar-se a devaneios durante o caminho para a escola “Acordava antes de todos, pois para ir à escola

teria que pegar um ônibus e um bonde, o que lhe tomaria uma hora. O que lhe daria uma hora. De devaneio agudo como um crime.” (Lispector, 1960, p. 43).

A dimensão do olhar ganha um lugar especial na narrativa: Tudo isso aconteceria se tivesse a sorte de “ninguém olhar para ela” (Lispector, 1960, p. 43) e “...ela, a depositária de um ritmo. Se a olhavam, ficava rígida e dolorosa.” (Lispector, 1960, p. 43)

Não deveria ter visto. Porque, vendo, ela por um instante arriscava-se a tornar-se individual, e também eles. Era do que parecia ter sido avisada: enquanto executasse um mundo clássico, enquanto fosse impessoal, seria filha dos deuses, e assistida pelo que tem que ser feito. Mas, tendo visto o que olhos, ao verem, diminuem, arriscara-se a ser um ela-mesma que a tradição não amparava (Lispector, 1960, p.46).

Lacan (1975/1986) demonstra a importância do olhar para a dimensão imaginária. Em “O seminário livro 1” o autor apresenta que o objeto humano não é assimilável a nenhum objeto à medida que é um objeto que olha de volta, diante do qual o sujeito torna-se também objeto.

O olhar não se situa simplesmente ao nível dos olhos. Os olhos podem muito bem não aparecer, estar mascarados. O olhar não é forçosamente a face do nosso semelhante, mas também a janela atrás da qual supomos que ele nos espia. É um x, o objeto diante do qual o sujeito se torna objeto. (Lacan, 1975/1986, p.251)

Em O seminário 11 (1973/1985), o autor apresenta que o que determina fundamentalmente no visível o sujeito é o olhar que recebe do que está de fora, o que cria uma fratura no sujeito “O ser se decompõe, de maneira sensacional, entre seu ser e seu semblante, entre si mesmo e esse tigre de papel que ele dá a ver”(p.104) . No conto, o medo de ser olhada, juntamente com medo que “lhe dissessem alguma coisa” incide

fortemente sobre a personagem, determinando em grande medida suas ações, como fica evidente pelos trechos

O vento da manhã violentando a janela e o rosto até que os lábios ficavam duros, gelados. Então ela sorria. Como se sorrir fosse em si um objetivo. Tudo isso aconteceria se tivesse a sorte de “ninguém olhar para ela”. (Lispector, 1960, p.43).

Então subia, séria como uma missionária por causa dos operários no ônibus que “poderiam lhe dizer alguma coisa”. Aqueles homens que não eram mais rapazes. Mas também de rapazes tinha medo, medo também de meninos. Medo que lhe “dissem alguma coisa”, que a olhassem muito. Na gravidade da boca fechada havia a grande súplica: respeitassem-na. (Lispector, 1960, p.43).

Outro aspecto que deve ser levado em consideração a respeito do medo da personagem de que a olhassem e “dissem alguma coisa” é a experiência de assédio vivenciado frequentemente pelas mulheres e meninas. Em “O segundo sexo: A experiência vivida”, publicado em 1949, Simone de Beauvoir faz o compilado do relato de inúmeras experiências de olhares e comentários intrusivos vivenciados por mulheres em idades próximas da idade da personagem, apresentando em seguida que a menina sente que seu corpo lhe escapa, não sendo mais a expressão clara de sua individualidade; tornando-se estranho a ela própria ao mesmo tempo que é encarado como coisa por outros, que as acompanham com o olhar, comentam sua anatomia etc. (Beauvoir, 1949/1967). As perspectivas não são excludentes, sendo importante justamente pensar em como se articulam. Vale lembrar que o inconsciente lacaniano não remete à uma instância dentro da mente, mas se estrutura como uma linguagem (Lacan, 1957/1998).

Alguns aspectos na narrativa não ficam claros, como o que todos sabiam

Ela sentia vergonha de não confiar neles, que eram cansados. Mas até que os esquecesse, o desconforto. É que eles “sabiam”. E como também ela sabia, então o desconforto. Todos sabiam o mesmo. Também seu pai sabia. Um velho pedindo esmola sabia. A riqueza distribuída, e o silêncio. (Lispector, 1960, p. 48).

Se por um lado nesse trecho não se deixa claro o que se sabe, aparece por todo o texto uma ideia de saberes compartilhados que apresentam uma dimensão de obviedade “E mesmo quando se foge correm atrás, são coisas que se sabem.” (Lispector, 1960, p.46) “Tinham medo que ela gritasse e as portas das casas uma por uma se abrissem”, raciocinou, eles não sabiam que não se grita.” (Lispector, 1960, p.46). Esses aspectos remetem ao processo de interpelação ideológica, que vai distribuindo significados às coisas e demarcando as posições possíveis de serem ocupadas pelos sujeitos, no texto tem vários momentos em que demonstra uma determinação das ações da personagem para além do simples assenhramento de si “Mas como voltar e fugir, se nascera para a dificuldade. Se toda a sua lenta preparação tinha o destino ignorado a que ela, por culto, tinha que aderir.” “Ela os ouvia e surpreendida com a própria coragem em continuar. Mas não era coragem. Era o dom. E a grande vocação para um destino. Ela avançava, sofrendo em obedecer.” (Lispector, 1960, p. 45-46).

Após se deparar com o destino a que foi levada, a personagem articula: "Estou sozinha no mundo! Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo!" (Lispector, 1960, p. 47). A significação que apresentamos é a do encontro radical da personagem com sua condição feminina, que não é o encontro de uma resposta clara do que é ser mulher, mas o encontro com um mundo alicerçado na ordem fálica que não a encerra, mas tenta enterrá-la. O “estou sozinha no mundo” parece o reconhecimento da personagem da falta de uma resposta, como apresenta Lacan acerca da

inexistência de um significante universal para ser mulher (Lacan, 1972). Em uma perspectiva freudiana, tal sentimento de solidão pode atualizar dificuldades de sair do complexo de Édipo se desvencilhando dos caminhos perpassados no Édipo feminino, a saber, a percepção de si como castrada, culpabilização da mãe por tal condição e abandono da busca por compensação advinda do pai por temer a perda de amor, findando o processo na busca de objetos sexuais longe do seio familiar, o que é próprio da fase genital (Freud, 1924/1996). Além do mais, pode tratar-se da reedição de um temor referente ao desamparo inicial, ocorrido por um excesso libidinal que não encontra saída no corpo da criança e que agora se traduz reatualizado em um corpo não mais infantil, sob a forma de angústia que a maioria das pessoas jamais se desvencilha em sua totalidade (Freud, 1919/2010).

Em Lacan a mãe tem um papel fundamental na construção da feminilidade, sendo primeiramente o seu olhar que oferece significação ao corpo da menina, porém é incapaz de encerrar a questão (Verceze & Cordeiro, 2019). No conto não aparece a figura da mãe, mas a adolescente busca na empregada algum auxílio diante do que a inquietava, sem obter também uma resposta completa

Foi conversar com a empregada, antiga sacerdotisa. Elas se reconheciam... “Ela imagina que na minha idade devo saber mais do que sei e é capaz de me ensinar alguma coisa”, pensou, a cabeça entre as mãos, defendendo a ignorância como a um corpo. Faltavam-lhe elementos, mas não os queria de quem já os esquecera. (Lispector, 1960, p. 45).

Observa-se também uma tentativa da personagem de se manter na ordem fálica, porém se via como fingida.

Até que, enfim, a classe de aula. Onde de repente tudo se tornava sem importância e mais rápido e leve, onde seu rosto tinha algumas sardas, os cabelos caíam nos olhos, e

onde ela era tratada como um rapaz. Onde era inteligente. A astuciosa profissão. Parecia ter estudado em casa. Sua curiosidade informava-lhe mais que respostas. Adivinhava, sentindo na boca o gosto cítrico das dores heróicas, adivinhava a repulsão fascinada que sua cabeça pensante criava nos colegas, que, de novo, não sabiam como comentá-la. Cada vez mais a grande fingida se tornava inteligente. Aprendera a pensar. O sacrifício necessário: assim “ninguém tinha coragem”. (Lispector, 1960, p. 44).

Segundo Lacan (1972), a mulher apresenta o gozo fálico e o gozo Outro, não submetido à ordem fálica. De acordo com Colette Soler (2005) o gozo fálico é subjacente às realizações do sujeito no campo da realidade e constitui a substância de todas as satisfações capitalizáveis. Então, é totalmente possível que a mulher encontre satisfação pela via da intelectualidade, visto isso, o trecho “onde ela era tratada como um rapaz” diz respeito à sociedade e ao lugar reservado para homens e mulheres nela, e o fato da adolescente se sentir fingindo parece estar associado a essa demarcação de papéis e em como o estudo estava sendo instrumentalizado para resistir à violência do processo de assujeitamento a condição que a sociedade postula como feminina.

Considerações Finais

Realizar o presente trabalho se configurou como um verdadeiro desafio, uma vez que nem a análise de discurso se apresenta como um método fechado e pronto para aplicar de forma mecanicista e nem a teoria da feminilidade na psicanálise é tida como concluída e encerrada, tendo Freud admitido que não alcançou o objetivo de explicar os caminhos pelos quais torna-se mulher e Lacan afirmado que há algo da mulher que foge à explicação pela via da ordem fálica. Esse é, portanto, também um trabalho não-todo. Não

apresentamos “o caminho” pelo qual torna-se mulher, admitindo a singularidade de cada uma que se posiciona assim através da linguagem. O que realizamos foi uma pequena análise de alguns dos elementos que atravessaram a protagonista e a fizeram a se posicionar como mulher na linguagem, condição sem a qual é impossível tornar-se mulher. Pensamos que esse trabalho faz emergir diversos pontos referentes à condição feminina e ao processo de tornar-se mulher presentes no conto para um aprofundamento teórico posterior.

Referências

- Beauvoir, S. (1967). O segundo sexo: fatos e mitos. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Trabalho publicado originalmente em 1949).
- Bellemin, N. (1978). Psicanálise e literatura. (Tradução Álvaro Lorencini). São Paulo: Cultrix.
- Brandão, A. M.; Pereira L. L.; Siqueira, M. P. A. & Souza, M. S. I. (2014). A representação feminina em dois contos claricianos: Uma leitura de “Preciosidade” e “A partida do trem”, de Clarice Lispector. Revista Eletrônica de Letras (Online). 12(7). 1-30. <https://periodicos.unifacel.com.br/index.php/rel/article/view/1956>.
- Canto, J. S. & Ghazzi, M. S. (2016). Monster High e o Modelo de Feminilidade na Atualidade. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 36 (3), 625-636.<<https://doi.org/10.1590/1982-3703001452014>>.ISSN1982-3703.<https://doi.org/10.1590/1982-3703001452014>.
- Farias, C. A & Brito, D. G. (2019). Questões de gênero na obra hibisco roxo: uma análise discursiva na personagem “Kambili”. [Trabalho de Conclusão de

Curso, Universidade Federal do Amazonas]. 1-20.

[https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/84eb0b9e-e0ad-4d31-845f-](https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/84eb0b9e-e0ad-4d31-845f-5103a29eebd1/TCC-Letras-2019-Arquivo.002.pdf)

[5103a29eebd1/TCC-Letras-2019-Arquivo.002.pdf](https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/84eb0b9e-e0ad-4d31-845f-5103a29eebd1/TCC-Letras-2019-Arquivo.002.pdf).

Freud, S. (1996). A Dissolução do Complexo de Édipo. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 19). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na gradiva. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1906).

Freud, S. (1996). Escritores criativos e devaneios. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (1996). Novas conferências sobre a psicanálise: Feminilidade (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 22). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).

Freud, S. (1996). Personagens psicopáticos no palco. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905a).

- Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 9). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1907a).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol.7). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905b).
- Freud, S. (1996). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. (J. Salomão, Trad.). In S. Freud (Autor), Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 11). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2010). O Inquietante. Em: Obras Completas. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1919).
- Furtado, M. S. N. (2009). Os Caminhos da Feminilidade em Preciosidade, de Clarice Lispector. Revista mal estar e subjetividade 3(9). 983-1004. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-61482009000300011&lng=pt&nrm=iso.
- Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo. Atlas. 1991.
- Gregolin, M. R. V. (1996). A análise do discurso: Conceitos e aplicações. São paulo: Alfa 1(13). 13-21. <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/84eb0b9e-e0ad-4d31-845f-5103a29eebd1/TCC-Letras-2019-Arquivo.002.pdf>.
- Jatobá, M. M. (1996). O sujeito adolescente e a psicanálise. Em: O ato de escarificar o corpo e a adolescência: uma abordagem psicanalítica. Tese (Mestrado em

Psicologia). Universidade Federal da Bahia. Rehbein, Mauro Pioli e Chatelard, Daniela Scheinkman (2019). Questões Críticas do Estatuto da Feminilidade na Contemporaneidade e suas Repercussões. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 35, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35411>.

Jerônimo, T. C. & Rosa, D. S (2018). Mito e Denúncia em "Preciosidade", de Clarice Lispector. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras, São Paulo* 1(18). 16-32. https://www.academia.edu/45393077/Mito_e_Den%C3%BAncia_em_Preciosidade_de_Clarice_Lispector.

Lacan, J. (1973). O aturdido. In: LACAN, J. Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

Lacan, J. (1985). O Seminário: Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1973).

Lacan, J. (1988). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In J. Lacan (autor), *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1960).

Lacan, J. (1998) A significação do falo. In: *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (obra original publicada em 1958).

Lacan, J. (1999). O valor de significação do falo. In J. Lacan (autor), *O Seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1958).

- Leão, L. B. (2011). Michel Pêcheux e a teoria da análise do discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia do discurso. 1(15). 171-182. Recuperado de <https://revistas.ufg.br/lep/article/view/32465>.
- Lispector, C. (1998). *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco (Publicado originalmente em 1960).
- Marcos, C. M. & Mendonça, R. L. (2020) A disjunção mãe/mulher a partir de uma prática de conversação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 23(1) 94-102. <<https://doi.org/10.1590/1809-44142020001011>>.
- Minayo, M. C. (2014) *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec.
- Pêcheux, M. (1995) *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. (2ed). São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Pinheiro, I. M. (2020). Sapatos e ritmos dos passos: notas sobre “preciosidade”, de Clarice Lispector. (51). 76-82. <https://doi.org/10.18309/anp.v51iesp.1439>.
- Pombo, M. (2016). Diferença sexual, psicanálise e contemporaneidade: novos dispositivos e apostas teóricas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 21(3). 545-567. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n3p545.8>.
- Pontes, R. (2017). Escúchame con tu cuerpo entero: Anticlarcentrismo, crisis de la palabra y sinestesia in Clarice Lispector. *Alea: Rio de Janeiro*. 19(3). 138-556. <http://dx.doi.org/10.1590/1517-106X/2017193538556>.

Santos, A. P. A. (2020). "Estou sozinha no mundo!": Terores femininos em "Preciosidade", de Clarice Lispector. *Organon*, Porto Alegre. 69(35). 1-13. DOI: 10.22456/2238-8915.107594.

Soler, C. (2005) O que Lacan dizia sobre as mulheres. Rio de Janeiro: Zahar.

Teodoro, E. F. & Silva, M. L. (2020). Freud e a questão do feminino: pressupostos míticos da prática clínica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online].23(3), 72-80. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020003010>.

Tfouni, L. V & Laureano, M. M. M (2005). Entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, a Verdade do Sujeito — Análise de Narrativas Oraís. *Revista investigações* 2(1). 1-15. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1485/1158>.

Tigre, A. B. & Cunha, M. H. C. (2019). Freud leitor, Lacan leitor. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*.11(1). 30-37. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2019v1p.30>

Verceze, F. A. & Cordeiro, S. N. (2019). Feminilidade não toda: uma revisão sistemática de literatura. *Tempo psicanalítico*, 51(2), 140-165. Recuperado em 26 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200008&lng=pt&tlng=pt.